

SANTO ANTÔNIO DO BRASIL E O SUSTO ITALIANO

*Márcia Pereira dos Santos**

*Marta Pereira dos Santos Zanini***

Resumo: A pesquisa apresentada discute o culto popular a Santo Antônio no Brasil, cuja alcunha de santo casamenteiro rendeu-lhe cultos e práticas devocionais inusitadas que podem ser vistas em fontes diversas: literatura, música, pinturas e relatos orais. Menos conhecidos são os primórdios dessa devoção e sua propagação, que assumiu um caráter particular, inexistente em outros países que cultuam o santo. A apresentação da pesquisa causou surpresa a um grupo pesquisadores franciscanistas italianos, sobretudo em relação às práticas populares, entre outras, aquelas que, comumente, *'torturam e colocam de castigo'* Santo Antônio. Notou-se que ocorre uma inversão: em vez da promessa e súplica do fiel para com o santo, este é feito refém, até que realize o milagre. Essa forma de apropriação cultural do santo, que advém de Portugal, torna-se, assim, surpreendente para os italianos e parece reforçar certa visão exótica do Brasil como país da licenciosidade religiosa e erotismo.

Palavras-chaves: Santo Antônio, Culto Popular, Brasil, Itália.

* Professora Departamento de História e Ciências Sociais, Curso de História, da UFG/Campus Catalão, desde 1998. É doutora em História pela UNESP/Franca (2007). Pesquisa cultura popular rural, religiosidade popular, literatura regional, Santo Antônio e ensino de História. É membro honorário da Società di Studi Francescani, Assisi – Itália e membro do Grupo de Pesquisa NIESC – Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Culturais (CNPq). Atualmente é Coordenadora do Programa de Pós Graduação em História – Mestrado Profissional da UFG/Regional Catalão e Coordenadora de Área de História do PIBID/UFG / CAC.

** Mestre em Teoria Literária pela UFG. Tradutora e Professora de Língua italiana. Especialista em História Cultural, com pesquisa sobre a obra de Davide Van de Sfroos e a cultura italiana. É membro honorário da Società di Studi Francescani, Assisi, membro do Grupo de Pesquisa NIESC – Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Culturais (CNPq) e pesquisa a vida de Santa Rosa de Viterbo.

SAINT ANTHONY OF BRAZIL AND THE ITALIAN SCARE

Abstract: The research presented discusses the folk worship of Saint Anthony in Brazil, whose fame as a matchmaking saint has given rise to unique devotional practices and forms of worship that can be seen in various sources: literature, music, paintings, and oral accounts. What is lesser known is the origin and propagation of this devotion, which has taken a particular character that does not exist in other countries that worship the saint. The presentation of this research surprised a group of Italian Franciscan researchers, especially the popular practices, which include those that often “torture and punish” Saint Anthony. An inversion can be noted: instead of the promise and prayers of the supplicant to the saint, the saint is held hostage until performing the miracle. This form of cultural appropriation of the saint, which comes from Portugal, is thus surprising to the Italians and appears to reinforce a certain exotic view of Brazil as a country of religious licentiousness and eroticism.

Keywords: Saint Anthony, Folk Worship, Brazil, Italy.

SAN ANTONIO DE BRASIL Y EL ASOMBRO ITALIANO

Resumen: La investigación presentada discute el culto popular a San Antonio en Brasil, cuyo apodo de santo casamentero le rindió cultos y prácticas devocionales inusitadas que pueden ser vistas mediante distintas maneras: literatura, música, pinturas y relatos orales. Menos conocido es el origen de esta devoción y su propagación, que adquirió un carácter particular, que resulta inexistente en otros países que rinden culto a este santo. La presentación de esta investigación causó sorpresa a un grupo de investigadores franciscanos italianos, sobre todo con relación a las prácticas populares, entre otras, aquellas que, comúnmente, ‘*torturan y ponen de castigo*’ a San Antonio. Se pudo observar que ocurre una inversión: en vez de la promesa y súplica del fiel para con el santo, este es hecho rehén, hasta que realice el milagro. Esta forma de apropiación cultural del santo, que adviene de Portugal, se convierte en algo sorprendente para los italianos y parece reforzar cierta visión exótica de Brasil como un país de licencias religiosas y erotismo.

Palabras-claves: San Antonio, Culto Popular, Brasil, Italia.

Santo Antônio aportou no Brasil junto com os portugueses. Santo português de nascimento foi e é um dos santos mais venerados em Portugal e sua vinda ao Brasil se deu com a chegada de Cabral à costa brasileira. Não é difícil imaginar que a primeira missa celebrada em território brasileiro tenha invocado seu nome, haja vista ser o celebrante um franciscano. Sua história no Brasil se confunde com a história do país, sendo seu culto elaborado e desenvolvido de acordo com os momentos de maior ou menor presença portuguesa nas terras brasileiras. Nossa pesquisa sobre o culto brasileiro a Santo Antônio nasceu no contexto do desenvolvimento de um projeto de pesquisa maior que envolve pesquisadores brasileiros e italianos¹, discutindo a questão da santidade e as apropriações dos santos tanto no Brasil quanto na Itália. Como parte das atividades desse projeto ministramos um minicurso sobre o culto a Santo Antônio no Brasil, em Assisi², ocasião que nos permitiu elaborar a reflexão que aqui apresentamos, pois percebemos a surpresa que os italianos tiveram com as particularidades da crença em Antônio aqui no Brasil.

A veneração a Santo Antônio espalha-se pelos vários rincões do Brasil e, na atividade na Itália, apresentamos como se deu esse processo. Pelos trópicos brasileiros Antônio foi de tudo um pouco: general, capitão, soldado raso, capitão-do-mato e até a entidade *Exu*, mas foi, sobretudo, como santo casamenteiro, como salvação das moças *'encalhadas'*, que se firmou na religiosidade popular brasileira como um dos santos mais cultuados, sendo homenageado em mais de 30 cidades com seu nome; centenas de paróquias e uma outra infinidade de Antônios, brasileiros, que sequer imaginam a história insidiosa que o culto a Santo Antônio tem no país.

É toda essa licenciosidade de se chegar a Antônio que, apresentada ao público acadêmico italiano, causou espanto: se nas terras italianas o mesmo figura entre os *'preferidos'* de São Francisco, portador da alcunha de intelectual e pregador,

¹ Projeto “A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DOS SANTOS: A hagiografia mendicante do século XIII e começo do XIV” Coordenado pela Profª. Dra. Teresinha Maria Duarte (UFG/Regional Catalão) e do qual participamos como pesquisadoras.

² O curso intitulou-se “Un santo maltrattato: il culto di S. Antônio di Padova tra storia e antropologia” (Um santo maltratado: o culto a Santo Antônio de Pádua: entre história e antropologia) e aconteceu durante o “Seminario di formazione in Storia Religiosa e Studi Francescani (sec. XIII-XV)”, realizado pelo Centro Interuniversitário di Studi Francescani, Assisi – Itália, em julho de 2012.

as formas de ‘maus tratos’ que passa a ter no Brasil parece uma afronta ao singelo “Martelo dos hereges”.

Mas essa história tem um começo? Sim, tem e, claro, como já dito, ela remonta a nossos colonizadores, mais especificamente aos populares, ou seja aos marinheiros portugueses.

Entre os marinheiros portugueses, sobretudo os da região de Lisboa, tornou-se comum levarem uma imagem do Santo Antônio na embarcação, para os proteger contra as forças marítimas, talvez, por ele ter sido vítima de uma tempestade, que o empurrou para as costas da Sicília. Em séculos passados, perante o perigo, ao mesmo tempo que o invocavam, esses marinheiros mergulhavam a sua imagem de cabeça para baixo, para serem mais rapidamente atendidos. (SANCHES, 2012, p.6).

É de se deduzir que se tal tradição era seguida pelos marinheiros portugueses, logo, é com eles que ela desembarca no Brasil. Isso nos dá um ponto de partida para pensarmos como o culto popular brasileiro vai assumindo características próprias, muitas vezes distantes daquelas vivenciadas na Itália e Portugal e, mesmo, vivenciada pelo catolicismo oficial, aquele praticado segundo as prescrições da Igreja Católica Apostólica Romana.

Nesse contexto, é de se acreditar que tal forma de devoção, expressa numa relação amistosa, com um santo considerado amigo próximo, como discutiremos adiante, aparentemente exercitada em um momento de perigo ou grande aflição, era vista como um último recurso para que o milagre da salvação acontecesse. Nossa pergunta era: por que ele, então, irá se colocar como recurso a que se valer na busca pelo casamento?

Em Portugal Santo Antônio é também o santo casamenteiro:

Desde há um século a esta parte, e em Portugal, Santo Antônio é um especial *advogado de bons casamentos*. Como santo casamenteiro, “não admira, pois que a principal clientela de devotos de Santo Antônio se recrutasse entre o elemento feminino: raparigas, solteiras a espera de noivo; solteironas desesperadas de o encontrar, ou viúvas não querendo ficar esquecidas; e até as casadas [...] na esperança de fazerem voltar um marido infiel, ou afastar uma concorrente indesejável” (REMA, 1998, p. 40). *Grifos do autor*.

A resposta só pode ser retórica: Santo Antônio já chega ao Brasil como santo

casamenteiro e, também, já chega como vítima de maus tratos e torturas. Não é de se admirar, pois, que ele se torne o santo casamenteiro que irá sofrer penalidades até que encontre o marido idealizado pela devota. Em vez da promessa e do voto, a tortura. Apresentamos, assim a nosso público uma infinidade de maldades a que o santo é submetido no Brasil desde a era colonial, tomando como exemplo imagético as pinturas de Wilson Filho de Almeida (2007), que tematiza várias formas tortura ao santo, mas também lembrando as várias maneiras de *cozimento* do santo - em água, escaldado, ou no feijão; seu *afogamento* ou *mergulho* em água, seja do poço, do pote, do filtro de barro ou de um simples copo; *enterro*; a *inversão* de sua imagem, colocada embaixo da cama, sempre de cabeça para baixo; e, talvez a mais cruel das torturas: ter o menino Jesus arrancado dos braços. Ou seja, tem-se uma infinidade de torturas para que ele cumpra com sua santa missão de arrumar o casamento! Mesmo em outros setores da vida colonial, que não a vida ordinária da moça casadora, vemos Antônio como objeto do riso e do escárnio. Ronaldo Vainfas nos conta essa história:

No período colonial, as relações dos fiéis com Santo Antônio eram íntimas. Tão íntimas quanto o eram com Cristo e com a Virgem, sempre invocados a cada dificuldade ou simplesmente pontuando o vocabulário cotidiano, as frases, as conversas sobre os mais variados assuntos. O melhor campo de observação para essa inserção das figuras sagradas no universo cotidiano colonial é a documentação inquisitorial, pois o Santo Ofício passou a se preocupar crescentemente com as blasfêmias dos fiéis, sobretudo a partir da segunda metade do século XVI, uma vez encerrado o Concílio de Trento (1545-63), marco da Contra-Reforma. Assim, encontramos na primeira visitação do Santo Ofício enviada à Bahia e a Pernambuco (1591-95) uns e outros a imprecisar contra Santo Antônio, chamando-o de “velhaco”, sobretudo os que se irritavam por perder coisas e não achá-las. Antes mesmo da visitação inquisitorial, nos anos 1540, o próprio donatário de Porto Seguro seria denunciado por dizer, entre outras coisas, que daria a Santo Antônio uma “candeia de merda”, ele que, por sinal, vivia às turras com os franciscanos da nascente capitania. As injúrias contra Santo Antônio não devem, porém, sugerir o desprestígio do “Advogado das Causas Perdidas” entre os colonos. Pelo contrário, indicam a força de sua presença no cotidiano e o quanto se acreditava que dele dependia ou devia de pender a resolução das mazelas diárias. Prevalencia sobre todas as evocações ou imprecizações a questão da perda e a expectativa de recuperação de coisas perdidas. (2003, p.31).

Ora, um santo do cotidiano, um santo que fez parte da vida comum de muitas pessoas que o conheceram, é um santo que responde a esse cotidiano, às suas demandas. E assim, ele chegou até nós, marcado também pela própria maneira

como a relação entre os fieis e o Santo se deu em terras lusitanas. Segundo Frei Acácio José Afonso Sanches, isso aconteceu em função de que ao ser canonizado na Itália, Antônio, em Portugal, era lembrado não como o “Doutor Franciscano da Igreja”, mas sim como sendo o homem que andou pelas ruas de Lisboa, estudou em suas escolas, foi vizinho de muitas pessoas, sendo assim, nada mais justo que houvesse um sentimento de pertencimento do santo, pois ele era íntimo dos lisboetas. Assim,

Portugal é palco de um fenómeno peculiar no que toca à religiosidade popular antoniana.[...] Em Lisboa, depois da canonização, em 1232, dá-se um fenómeno a que eu chamaria de apropriação popular de Santo António. Ao saberem que um dos seus vizinhos tinha sido canonizado pelo Papa Gregório IX, os habitantes do bairro de Alfama rejubilaram e começaram a chamar-lhe o seu Santo. A lentidão das comunicações entre Itália e Portugal fez com que os pormenores da vida do Santo chegassem a Portugal muito tarde, o que favoreceu o nascimento de um culto espontâneo, original e livre. Hoje em dia, o povo conhece minimamente a vida do Santo, mas continua a dar mais importância aos relatos de milagres e episódios lendários, e não tanto à sua vida histórica. Quando se tem no Céu um Santo que nasceu no nosso Bairro, com o qual alguns estudaram Gramática na escola da Catedral e viram crescer até aos 15 anos, é normal que se trate como um amigo muito querido e especial. Por um lado, era a ele que se dirigiam todas as pedidos de socorro e, por outro lado, a ele passaram a ser atribuídas todas as curas e favores, para os quais a ciência da Idade Média não encontrava explicação. Por todos e para tudo era invocado. Deste modo, a mais sincera piedade popular, que com fé lhe rogava protecção, começou por ver no Santo um Taumaturgo omnipresente e quase omnipotente.

Fernando Félix Lopes, conhecedor profundo das entranhas da alma do povo português, explica que os lisboetas, acostumados a recorrer ao Taumaturgo e por ele serem prontamente atendidos, “porque com ele tratavam cada dia, cada hora, o Santo ficou tão de todos, tão da nossa casa portuguesa, que quase se lhe perdeu o respeito. Na ânsia de o termos perto, o apeamos do seu altar e o trouxemos para a nossa vida a viver connosco, a cantar a nossa alegria, a chorar as nossas lágrimas, a correr os nossos folguedos e trabalhos. Não foi irreverência: foi confiança que tomamos ao Santo do nosso sangue” (SANCHES, 2008, p. 5).

Isso explicaria, em parte, como chegou o culto a Antônio no Brasil: sem dúvida é um santo popular, e seu culto o faz popular. Pode-se dizer que nesse momento há uma transformação daquele Antônio pregador e evangelista em um Antônio prosaico, da vida comum, do dia dia, por isso essa intimidade da “conversa”, como veremos adiante, em vários tons com Antônio: ora a reza que roga ajuda; ora a reza que manda o santo ajudar; ora a reza que castiga o santo para que cumpra

sua função de casamenteiro. E é esta última forma de invocação que será apropriada no Brasil como prática comum do culto ao santo e que causou mais frisson entre nosso público, haja vista o caráter cômico, quase carnavalesco com que essas práticas podem ser visualizadas nas mais diversas fontes de pesquisa.

É claro aqui há uma questão feminina relativa à condição da mulher na cultura brasileira desde os tempos coloniais, já que era preciso ‘casar’. Como se viu em outro momento (SANTOS & DUARTE, 2010) em uma sociedade que valorizava a mulher casada, não casar é um sinônimo de inadequação. No interior de Goiás, local onde efetivamos pesquisas sobre religiosidade popular, Santo Antônio é um dos santos mais cultuados, especialmente em comunidades rurais, as quais, historicamente, se assentam em um modelo patriarcal de família, em que o casamento se torna uma obrigação para as moças que devem se enquadrar no padrão socialmente estabelecido para as mulheres: filha, esposa, mãe, sucessivamente. Romper essa norma social significa, para essas mulheres, serem relegadas à condição de *‘tia solteirona’*, o que implica em segregação e marginalização no grupo. Ora, tal imagem de *‘solteirice’* é abominada pelas moças e, no intuito de fugir dela, elaboram suas maneiras de obrigar o santo a livrá-las de tal sina e, assim, as formas e práticas de devoção a Santo Antônio tornaram-se um dos pontos mais interessantes a ser problematizado em relação a religiosidade popular, pois referenda não a lembrança da vida do santo, seus milagres e méritos, mas antes, ações e ritos com a sua estátua, muitas vezes, cômicas, que visam obrigá-lo a atender ao desejo da devota, ou seja, providenciar-lhe um noivo.

Mas essa devoção a Antônio, visível ao longo dos séculos nas manifestações religiosas, se mistura à multiplicidade de expressões da cultura brasileira, rompendo os limites do que seria a religiosidade e alcançando outras esferas da vida ordinária. Talvez, aqui esteja o ponto de perplexidade dos pesquisadores italianos ao tomarem contato com a licenciosidade com que Antônio é venerado no Brasil. De norte a sul, as festas se multiplicam; de todos os ritmos, saem músicas dedicadas ao santo e por esse caminho se e enveredam a literatura, as artes plásticas, as quadrinhas, os cordéis...e uma infinidade de modos de venerar o santo, propagando seu nome como o grande santo protetor das *‘encalhadas’*. De certa forma, é preciso pensar nesse culto, nessas formas de devoção como sendo marcadas pelo riso.

A pesquisadora Anna Maria Moog Rodrigues (1998) elaborou um conceito

interessante que nos ajuda a pensar essas marcas do culto a Antônio, qual seja a de “santo lúdico”. É claro que, ao contrário da autora, não se trata aqui de pensar em um modelo ideal de santidade franciscana, mas tão somente de encontrar uma explicação para as maneiras de devoção e apropriação do culto a Santo Antônio que pontuam a cultura brasileira. Vejamos um exemplo interessante dessa apropriação que é a música de Benedito Lacerda e Oswaldo Santiago de 1939, imortalizada na voz de Dalva de Oliveira, citada por Toni Brandão (2003):

PEDRO, ANTÔNIO E JOÃO

Com a filha de João
Antônio ia se casar,
mas Pedro fugiu com a noiva
na hora de ir pro altar.

A fogueira está queimando,
o balão está subindo,
Antônio estava chorando
e Pedro estava fugindo.

E no fim dessa história,
ao apagar-se a fogueira,
João consolava Antônio,
que caiu na bebedeira.

Alusiva às festas juninas a música retoma o tema do casamento, misturando os três santos juninos – João, Antônio e Pedro, em um drama de conflito e paixão. Na “história” - também contada em forma de literatura infanto juvenil por Toni Brandão (2003) – o ladino Pedro foge com a noiva, o apaziguador João tenta consolar Antônio e, Antônio....cai na bebedeira. Duas representações que parecem não combinar muito, mas que no contexto das formas de se ver Santo Antônio no Brasil, se aproximam: o santo e o bêbado, marcando o sujeito que sofre por amor, que está, como os simples homens e mulheres, à mercê das experiências dolorosas da existência social. A história é extremamente engraçada, provocando o riso, na plateia, especialmente quando a música foi ilustrada com o mencionado livro, cujas ilustrações feitas por Denise Rocha, apelam para a condição cômica da relação de amor, traição, fuga da noiva e noite de São João. Os elementos da “festa junina” brasileira sobressaem, mostrando o ambiente de cultura de que tal história literária é remissiva.

Especialmente em Goiás, o que se chama de *feira de roça* – na verdade uma novena a determinado santo, acompanhada a cada dia de um baile – é um momento particularmente importante na vida social das comunidades rurais. Até bem pouco tempo tais festas eram um dos únicos momentos de diversão e lazer dessas comunidades. Então, a louvação ao santo era também a maneira de se encontrar com os outros, funcionando como um espaço de socialização e riso. (SANTOS, 2001). Assim, é preciso situar esse culto de Antônio também no rol dessas festividades que colocam a vida social como pano de fundo da vida religiosa e vice versa. Os festejos juninos no Brasil, amplamente difundidos por todos os cantos do país, ainda que as maiores festas aconteçam no Nordeste, são marcas alegres da devoção aos santos Antônio, João e Pedro. Essas festas perpassam por todas as cidades, nas escolas, nos bairros, nas comunidades, reforçando, a nosso ver, essa forma alegre de perpetuação da memória dos santos, mas também e, principalmente, reafirmando o significado dos mesmos na cultura brasileira e distinguindo o culto desenvolvido e expresso pelo povo do culto oficial perpetrado pela Igreja Católica, sendo esta, muitas vezes, uma crítica veemente dessas formas de devoção popular.

Mas se a festa, como tempo extraordinário, apresenta esses santos em sua relação com a vida das pessoas, no mundo mais ordinário, as formas de devoção se ampliam de forma bastante diversificada no Brasil. Assim, seguindo a discussão proposta, apresentamos aos cursistas, alguns exemplos de como a arte, seja de que natureza for, vai expondo a presença de Antônio pelo Brasil.

Começamos pelas músicas mais populares – e popular, tal como o usamos aqui, refere-se tão somente às músicas mais ouvidas e experimentadas pelo povo, não sendo o adjetivo popular, nesse contexto, usado como forma de classificar tais produções artísticas. Ora, aqui, novamente percebemos como Antônio é tomado como esse amigo, como esse próximo ao qual é possível se dirigir de forma direta e, no caso, prosaica, para pedir o casamento. Essa aceção se repete, por exemplo, na chamada música sertaneja. Tomamos o exemplo da dupla *Irmãs Freitas* (1990), que fizeram sucesso, cantando a Antônio:

PEDIDO A SANTO ANTÔNIO

Ô meu santo Antônio tenha pena tenha dó
Tô ficando velha, tô ficando só

Tô ficando velha não posso ficar solteira
Quero um amor meu santo casamenteiro
Peixe precisa da água e a beleza da flor
Eu preciso me casar não importa com quem for
A fumaça faz das nuvens e a chuva meu amor
Feiticeiro faz trabalho, eu quero fazer amor.

A sonoridade da música, seu tema, bem como seus “ouvintes”, podemos dizer, dentro do contexto de pesquisa que temos, remete a todo o universo que apresentamos anteriormente. É uma música dançante, o chamado ‘xote’ das roças, que recorrentemente é tocada nas festas de roça. O interessante é que essa música é de final dos anos 1980, início dos anos 1990, pois foi nesse ano que a dupla a lançou em um álbum de mesmo nome. Ou seja, a reconfiguração que a música construiu do universo sertanejo se prende à apropriação das representações de mundo da mulher caipira: não se pode permanecer sem casar e ficar velha. Santo Antônio é, assim, o único que poderia salvar da marginalização tal mulher.

Como entrecruzar essas duas acepções: o casamento fracassado (aquele exposto da música “Pedro, Antônio e João”) e o casamento pedido (aquele da música Pedido a Santo Antônio)? Que visualização de Santo Antônio essas duas canções permitem encontrar? O Antônio enganado e o Antônio que socorre? O que podemos inferir é que o primeiro funcionaria no que podemos dizer a licenciosidade profana do culto ao Santo Antônio; já o segundo, a recorrência religiosa da cultura popular – a música sertaneja tomada como um bem dessa cultura – do pedido do milagre, pois só o santo casaria uma “velha solteirona. O que vemos nessa circularidade, tomando emprestado o termo usado por Ginzburg, é a configuração de um imaginário que dota o santo Antônio de uma participação ampla na vida ordinária de todos.

E os exemplos não se esgotam, pois se a música é uma marca de cultura que reproduz e difunde a crença nos poderes de Santo Antônio, a televisão também assume um papel importante na difusão das formas de apropriação da devoção a Antônio no Brasil. Assim, recorreremos à série da *TV Globo Entre Tapas e Beijos*, estrelada pelas atrizes Andréa Beltrão e Fernanda Torres (2011-2012), que em seus primeiros episódios apresentava um Santo Antônio muito prosaico, vivido pelo ator Kiko Mascarenhas. A personagem Sueli, vivida por Beltrão, era a devota que mantinha no trabalho um oratório com santo Antônio, e que todos os dias

conversava com o santo, pedindo ajuda ora para se livrar do ex-marido, ora para fazer as pazes, sempre usando para as conversas com o santo um doce ou café, como forma de chantagem, ou ainda, deixando o mesmo de cabeça para baixo dentro do pequeno oratório. Ao apresentarmos a série, e acreditamos que não é gratuito o fato de estar Santo Antônio em meio a uma comédia, percebemos como essa representação foi marcante para a assembleia, já que ver uma conversa entre Sueli e Santo Antônio, funcionou como uma ilustração de tudo o que vínhamos falando dentro do curso. O riso generalizado entre o público e uma certa incredulidade visível, nos deu o tom do que se sentia em relação ao Santo Antônio do Brasil.

E se fôssemos seguir mais outras expressões artísticas, com certeza encontraríamos mais e mais apropriações da devoção a Santo Antônio espalhadas por uma infinidade de outros bens culturais. Isso impondo pensarmos na amplitude da presença de Santo Antônio em nossa cultura: ele já não é mais apenas o Santo Antônio de Pádua ou o Santo Antônio de Lisboa. Com essa gama de representações, podemos falar em um Santo Antônio brasileiro, que foi assumindo ao longo de sua presença entre nós, uma identidade com o Brasil, o que o torna, também, a nosso ver, um santo brasileiro, à medida que sua história entre nós é a história da constituição dessa identidade. O soldado, que como nos mostrou Vainfas e Mott, defendeu o país e os interesses escravocratas no mundo colonial, se tornou o amigo das mulheres que querem um marido. Assim, segundo Mott, “não deixa de ser alvissareira a metamorfose do Sol do Mundo de temido capitão-do-mato em melífluo santinho casamenteiro: não foi o próprio Apóstolo dos Gentios que ensinara que “é melhor casar do que se abrasar” - em outras palavras, que é melhor fazer amor do que a guerra?” (1996, p. 134), certamente que Mott conhecia a música cantada pelas Irmãs Freitas!

Por ocasião de suas festas em junho, sendo o dia 13 o marco, a mistura entre os rituais sagrados: a reza do terço, os batismos, a distribuição do pão a ritos profanos, como as danças e folguedos, é um processo de longa data, pois há relatos, segundo o frei Sanches, que já em Portugal, pouco depois da canonização de Antônio, esse tipo de comemoração do santo já era uma realidade.

E se pensarmos, no âmbito das festas juninas no Brasil, especialmente aqueles do nordeste, em que sobressaem o universo profano da comemoração ao santo,

percebemos como esse imaginário constituiu uma roupagem própria ao culto de Antônio no Brasil.

Podemos aqui nos referir à festa de Barbalha (CE), que é considerada a maior festa brasileira em homenagem a Santo Antônio e uma das maiores do mundo. Notadamente durante a festa, o “pau de santo Antônio” tornou-se o centro da mesma. A linguagem não podia ser mais explícita e provocou um choque nos pesquisadores franciscanistas do curso, dada a eroticidade da imagem. Apresentamos um documentário produzido por Caio Quinder, TV SESC, que mostra a festa e a relação que a comunidade de Barbalha estabeleceu com a mesma. Ora, o centro da festa não é mais Santo Antônio, mas sim, o mastro no qual se ergue a bandeira e que se tornou o elemento principal das brincadeiras: as pessoas querem tocá-lo, arrancar-lhe pedaços, tomar o chá do pau, como rituais que permitiriam o casamento. Ou seja, resvalamos aqui no que podemos chamar de carnavalização do culto a Santo Antônio, tomando o conceito de carnaval de que trata Bakhtin, o que apresentou-se aos nosso público um certo escândalo, pois a erotização da festa, marcadamente, dá um toque exótico e particular de como se festeja Antônio no Brasil. O riso fácil, a bebedeira, a dança e todas as marcas de um espetáculo de rua reforçam, a nosso ver, um sentido que foi ao longo de nossa história de construção de uma identidade entre o povo brasileiro e a alegria e vivacidades carnavalescas.

Mas em meio a toda essa comédia da vida ordinária, perpetrada pelos devotos de Antônio, existiria um Santo Antônio sério no Brasil? Sim, existiu: um Santo Antônio que além de militar, foi político e defensor dos senhores de escravos. Novo susto: a sociedade escravocrata brasileira também se apropriou de Santo Antônio como seu braço religioso. Vejamos primeiramente sua carreira militar:

O frei Antônio histórico nunca foi propriamente militar, embora combatesse com as armas da palavra pelo cristianismo romano contra infiéis e hereges. Mas o Santo Antônio de Lisboa, ao menos no Brasil, faria longa carreira de armas, batizando fortes e regimentos, interferindo em batalhas diretamente, e sendo ele mesmo – em imagem, é claro – condecorado, promovido e reconhecido por serviços prestados a El Rei. [...] Pois foi exatamente na fortaleza baiana da barra, ao que tudo indica, que Santo Antônio iniciou sua carreira militar em terras brasileiras, sendo incorporado a seu regimento como soldado raso, ainda no final do século XVI. Ali mesmo foi o santo promovido a capitão do forte por petição da Câmara de Salvador, além de soldado raso na Sé, alferes no presídio do Morro de São Paulo e alferes em sua igreja da

Mouraria, onde prevaleciam os ciganos. Em 1709 ganhou o posto de soldado na Paraíba; em 1717, em Pernambuco, ganhou a patente de capitão de Artilharia; em 1750 assentou praça como soldado a pedido da Câmara de Goiás. Em diversas capitâneas, sobretudo no século XVIII, a imagem de Santo Antônio foi contemplada com postos castrenses e galardões militares, para o que, vale dizer, ganhava o santo o correspondente soldo em dinheiro. O Brasil colônia era, como diria Antônio Cândido (1977), um mundo de transfiguração barroca, mimetizando o Portugal da mesma época. (VAINFAS, 2003, pp.32-33).

Todo o conjunto de funções de Santo Antônio vem, novamente colocá-lo no patamar do santo com o qual se conversa. Ora, se ele é o soldado, o capitão, ou equivalente, ele assume funções nos exércitos e armadas. Defensor, em armas, da colônia e dos portugueses. Nesse estudo de Vainfas, o autor afirma ainda que a amplitude da presença de Santo Antônio no exército, se mostra por vitórias que são atribuídas à sua presença como parte da tropa: vitórias sobre os holandeses, por ocasião das invasões em Pernambuco e no Rio de Janeiro, mas ainda, baluarte da luta lusitana contra a união das coroas durante a chamada União Ibérica (VAINFAS, 2003, p. 33). Ou seja, se Santo Antônio chega como um santo popular, trazido pelos portugueses que o cultuam de forma muito íntima, ele chega aqui, também como o grande santo português, como aquele que agrega a identidade dos lusitanos e que pode, defendê-los de todos os agressores, sejam quais forem.

É nesse sentido mesmo que podemos dizer que Santo Antônio foi também um colonizador, cuidando para que a colonização desse certo; cuidando para que a presença portuguesa no Brasil fosse consolidada e um de seus papéis, que segue mesmo a sua presença como militar se dá especialmente em relação à escravidão. Isso porque Santo Antônio será venerado pelos donos de escravos, mas odiado pela escravaria:

Para os donos de escravos e população livre em geral, a militarização de santo Antônio inspirava-se em uma dupla convicção: os mais espirituais certamente acreditavam que, agradando o servo de Deus com honrarias e galões, forçá-lo-iam a zelar, como militar prestimoso, pela tranquilidade dos moradores desta terra de hotentotes; os mais realistas com certeza realizaram que, cobrindo as imagens do Martelo dos Hereges com belicosas insígnias e respeitadas títulos militares, maior temor haveriam de inspirar a quantos cativos tivessem a tentação de fugir, fosse do rebanho católico, fosse da cerca do patrão. Santo Antônio representaria dentro dos templos e no imaginário da escravidão uma espécie de bicho-papão, tão temido como as mulas-sem-cabeça ou chibungos que diziam se esconder na mata a dentro. (MOTT, 1996, p. 122).

Assim, visualizamos Santo Antônio dentro de um conjunto maior de sentimentos, que perpassa todo o imaginário construído em torno de sua condição de Santo brasileiro. Essa sua condição novamente é surpreendente, pois o santo Antônio dos pobres, “rosa da caridade”, aqui será um elemento de consolidação da escravidão como instituição legítima e defendida pelos colonizadores e religiosos. Logo, o santo restituidor das coisas perdidas, será o “divino capitão-do-mato, pois sua função no mundo colonial será também restituir aos senhores os escravos perdidos. A configuração dessa imagem é muito forte e nos permite pensar no ódio mortal que os escravos, especialmente os fugidos desenvolveram pelo santo. Porém, isso não implicou que o mesmo não fosse tomado como santo de proteção dos negros e negras: sua força e, mesmo, sua importância e imponência em todo o período colonial o fará também alvo de devoção dos escravos e ex-escravos que o invocariam, também, na sua condição de servo com uma “super” influência no reino dos céus. O próprio Mott (1996, p. 133) nos apresenta essas situações ao falar dos cultos afro-brasileiros que se apropriaram de vários santos católicos como entidades suas, o que não é diferente com Santo Antônio, figura assustadora e aterrorizante. Ele ganha assim presença nesses cultos, torna-se patrono de irmandades e recurso para rebeliões e revoltas negras.

Notável, no entanto, é que, mesmo assim, ele ainda não está livre da tortura, das blasfêmias e injúrias, nem do lado dos senhores de escravos nem do lado dos próprios negros:

Conta Ewbank que uma tal senhora P. carregava sua medalha no peito e como todos guardava uma imagem em sua casa. Confirmou que se o devoto torturasse a imagem do santo acelerava o atendimento do pedido. Essa piedosa informante contou detalhes sobre as medidas ensinadas por suas mãe para recuperar o negro fugido: devia acender uma vela na frente do orago e pedir que mandasse o fugitivo de volta, tomando o cuidado dele, sem contudo, dar-lhe descanso até que entrasse porta adentro da residência de seu amo. Passadas algumas semanas se o pedido continuasse inatendido, a solução era deitar a imagem no chão, colocando pesadas pedra por cima. Se continuasse sem notícia do negro apelava para o último recurso: deixar o santo dependurado numa corda dentro de um poço escuro.[...] (MOTT, 1996, p. 129-130).

E, prossegue o autor,

A mulata Ana Jorge, mulher da vida, moradoras nos Massus (Minas Gerais, 1777), foi acusada de colocar debaixo do colchão de sua cama uma imagem

de Santo Antônio, juntamente com o crucifixo, imagens que além de açoitar, jogava na parede dizendo: “já que não fizeram o que pedira, que levassem socos e açoites”. (p. 33).

Ou seja, o lado sério de Santo Antônio do Brasil, o militar e capitão-do-mato, servidor das autoridades e donos de escravos não se esvazia da tradição devocional que o tortura e o faz refém de seus devotos.

Por fim, e não distante desse contexto, para fechar essa aparentemente exótica apropriação brasileira de Santo Antônio, é preciso referendar como o mesmo é apresentado nos cultos afro-brasileiros, especialmente no que se refere ao proclamado sincretismo religioso. O Frei Van der Poel, OFM, em suas pesquisas, chegou à conclusão de que

Santo Antônio, guerreiro do tempo colonial, e principalmente na sua forma popular de companheiro dos pobres na luta pela sobrevivência, é identificado com o orixá guerreiro Ogun no candomblé da Bahia.

Santo Antônio que tirou seu pai da forca e defende os pobres contra os inimigos, é identificado com Xangô, orixá da justiça e do raio, nos terreiros do Estado de Pernambuco.

Santo Antônio, o mensageiro que, segundo a tradição oral, nos guia no bom caminho, é identificado com Exu, Senhor do destino e das encruzilhadas. (POEL, 1995, p.8)

Pois bem, nova questão, e nos manteremos apenas na última identificação: Exu. Apresentando na exposição sobre Santo Antônio, a pesquisa de Poel, o susto italiano para com nosso santo Antônio se completou, haja vista que,

No batuque do Rio Grande do Sul, [Santo Antonio]é identificado com Exu, o anjo/mensageiro entre os Deuses e os homens. Exu abre caminhos e é encontrado nas encruzilhadas. Diversas orações tradicionais de Santo Antônio dizem: “*Ele nos guia no bom caminho*”. Exu leva recados e dá recados, como Santo Antônio. Traz as respostas da adivinhação no jogo de Ifá. Sem Exu nada se pode fazer. Tanto protege como castiga, quando as pessoas não cumprem as obrigações. Isto nos lembra o Santo Antônio malino da fé dos pobres. Há outros cultos em que Exu, com sua roupa preta e vermelha e com seu tridente na mão, é identificado com o demônio, o anjo mau.

Na umbanda, no Rio de Janeiro, Santo Antônio é identificado com Bará, um dos títulos de Exu ligado ao destino individual, e com Verequete, orixá do raio e que abre caminhos para os deuses do seu grupo. [...]E finalmente, na Casa das Minas em São Luiz no Estado do Maranhão, existia antigamente no dia 13 de junho uma festa para Toi-poliboji, vodu da falecida mãe Andresa.

Toi-poliboji é identificado com Santo Antônio. Em outras casas, provavelmente não por acaso, Toi-poliboji é identificado com o demônio. (POEL, 1995, p. 5).

Última proeza do Santo Antônio do Brasil: ser apropriado / sincretizado como uma entidade que pode ser maléfica. Mas se levarmos em consideração o que já apresentamos da pesquisa de Mott, não é estranha essa identificação, já que há um medo dos negros de Santo Antônio, o perseguidor, o “deparador” dos escravos perdidos. A sujeição e objetificação a que os escravos foram submetidos no Brasil, não podem ser esquecidas no processo de compreender como todo um imaginário sobre o mundo da escravidão se constituiu entre nós. Assim é que, mais uma vez, Santo Antônio do Brasil é surpreendente.

O que percebemos ao longo de todo trabalho de cotejamento de fontes e levantamento bibliográfico sobre o culto a Santo Antônio no Brasil é que essa é uma experiência histórica multifacetada e que nos exige uma interpretação cultural desses fenômenos da religiosidade popular brasileira. E foi a partir dessa perspectiva, assentada nas reflexões que nos ajudam a pensar o que são as representações de Santo Antônio no Brasil, como são configuradas e significadas, que apresentamos ao público de Assisi esse pequeno ponto do universo da cultura religiosa de nosso país, causando espanto e admiração, mas sobretudo, causando uma impressão de que o Santo Antônio do Brasil é, realmente, um santo diferente daquele conhecido na Itália. Muitas discussões que fizemos no referido curso, não puderam ser tratadas no contexto desse artigo e, temos claro, que muito do que aqui se apontou merece um tratamento mais denso e aprofundado o que esperamos fazer em futuros trabalhos.

Referências:

Música:

Irmãs Freitas. Pedido a Santo Antonio. In. Pedido a Santo Antonio, RGE, 1990.

Documentário:

Festa do Pau de Barbalha. Produzido pela TV SESC e dirigido por Caio Quinder. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=bHAIF_GSSsY>. Acesso em: 04 jun. 2012.

Série de TV

Tapas e Beijos, 2011 - 2012, TVGLOBO, uma série de Cláudio Paiva, com Andréa Beltrão, Fernanda Torres, Vladimir Brichta, Otávio Müller e grande elenco. Direção de Daniela Braga e Elisa Palatnik. Fabricado e distribuído por Microservice - Tecnologia Digital da Amazônia LTDA, 1ª Temporada - volume 1 de 3, episódios 1 ao 12

Referências

ALMEIDA, Wilson Filho. **As superstições que cercam a imagem de Santo Antônio de Pádua**. Uberlândia, 2007. Trabalho Acadêmico (Graduação em Artes Plásticas). Universidade Federal de Uberlândia.

BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. SP: Hucitec, 1987.

BEKHÄUSER, Frei Alberto. OFM. **Santo Antônio Através das Imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p.126

BRANDÃO, Toni. **Festas Juninas**. São Paulo: Studio Novel, 2003. p. 19. (Coleção Festas Brasileiras)

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990. p. 245.

MOOT, Luiz. Santo Antônio, o divino capitão-do-mato. In: REIS, João José. GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: História dos Quilombos no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. pp. 110-138.

POEL, Francisco van der. OFM. A identificação de santo Antônio nos cultos afro-brasileiros. Palestra proferida no Oitavo Centenário do Nascimento de Santo Antônio. 21 de Outubro de 1995. Pádua. Disponível em: <<http://www.religiosidadepopular.uaivip.com.br/antonio.htm>>. Acesso em 22 maio 2012.

REMA, Henrique Pinto. OFM. A Piedade Popular e Santo Antônio. **Revista de História das Ideias**. Lisboa. Centro de História da Cultura. Vol X, 11 série, 1998. p. 15-42.

RODRIGUES, Anna Maria Moog. Um modelo da cultura luso-brasileira: o santo lúdico. **Revista de História das Ideias**. Lisboa: Centro de História da Cultura. Vol X, 11 série, 1998.pp 69-85.

SANCHES, Acácio José Afonso. OFM. Santo Antônio na Religiosidade Popular. 2008. pp1-9. Disponível em: <http://www.capuchinhos.org/index.php?option=com_content&view=article&id=1151:sto-antonio-na-religiosidade-popular&catid=110:santo-antonio&Itemid=501>. Acesso em: 05 maio 2012.

SANTOS, Márcia P. **O campo (re) inventado: transformações da cultura popular rural no sudeste goiano (1950 -1990)**. Uberlândia, 2001. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia.

SANTOS, Márcia P. DUARTE, Teresinha Maria. A Escrita Hagiográfica Medieval e a Construção da Memória dos Santos e Santas Católicos. **ANAIS Eletrônicos: Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: diásporas, diversidades, deslocamentos**. Florianópolis: UFSC, 2010. pp 1-9. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf>.

SOUZA, José Antônio de Camargo R.**O Pensamento Social de Santo Antônio**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.504 p.

VAINFAS, Ronaldo. Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política. **Revista USP**, São Paulo, n. 57, p,28-37, 2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/57/02-ronaldo.pdf>>. Acesso em: 05 maio 2012.